



A ARTE E A CULTURA COMO “FORMAS DE VIDA” E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS A PARTIR DOS LUGARES DA EXTERIORIDADEⁱ

ART AND CULTURE AS "WAYS OF LIFE" AND PRODUCTION OF KNOWLEDGE FROM PLACES OF EXTERIORITY

Marcos Antônio Bessa-Oliveira¹

UEMS/NAV(r)E

RESUMO

*Grosso modo, exterioridade é, compreendendo por meio de um pensamento descolonizado – epistemologia que ancorará a discussão neste trabalho –, lugar de todo corpo e seus fazeres de arte, cultura e conhecimentos que são excluídos das interioridades aos projetos hegemônicos: moderno (europeu séc. XVI) e pós-moderno (estadunidense séc. XX). No entanto, não é difícil, também, entender exterioridade como lugar de fora a qualquer centralidade: social, política, cultural, econômica, geográfica, logo, biográfico e subjetivo. Por isso, a discussão em torno da questão da arte e da cultura como “formas de vida” neste trabalho estará ancorada em desnudar vidas que ocupam exterioridades (conceituais e subjetivas) exatamente porque têm na fronteira epistêmica lugar de *ser, sentir e saber* para *fazerem-sendo*. Entendendo, vidas e corpos por meio de formas da arte de suas culturas.*

Palavras-Chave: Arte. Cultura. Pensamento descolonizado. Fundamentos e teoria da arte. Teoria e crítica de arte.

ABSTRACT

Roughly speaking, exteriority is, understood through a decolonized thought - epistemology that will anchor the discussion in this paper -, the place of every body and its art, culture and knowledge doings that are excluded from the interiorities of the hegemonic projects: modern (European 16th century) and postmodern (American 20th century). However, it is not difficult, also, to understand exteriority as a place outside any centrality: social, political, cultural, economic, geographic, therefore, biographical and subjective. Therefore, the discussion around the issue of art and culture as "forms of life" in this paper will be anchored in uncovering lives that occupy exteriorities (conceptual and subjective) exactly because they have in the epistemic frontier a place to be, to feel and to know how to do-being. Understanding lives and bodies through the art forms of their cultures.

¹ Professor do Curso de Dança e Teatro -Licenciaturas, na Cadeira de Artes Visuais, e do Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado – Profissional em Educação/PROFEDUC da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS/UUCG. Pós-doutor em Linguagens; Doutor em Artes Visuais (IA-Unicamp) e Graduado em Artes Visuais. Líder do Grupo de Pesquisa **NAV(r)E**–UEMS/CNPq. E-mail: marcosbessa2001@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4783-7903>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7724599673552418>. Mato Grosso do Sul, Brasil.



KEYWORDS: *Art. Culture. Decolonized thinking. Foundations and theory of art. Art theory and art criticism.*

O Eu como forma de vida em contraposição em ser *outro*

“A modernidade é uma máquina geradora de alteridades que, em nome da razão e do humanismo, exclui de seu imaginário a hibridez, a multiplicidade, a ambigüidade e a contingência das formas de vida concretas.” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, 169).

Considerando a minha proposição sobre “formas de vida” por meio da arte e da cultura, especialmente por esta estar sendo apresentada aqui considerando um pensamento descolonizado sobre arte e cultura e igualmente de produções de conhecimentos de lugares em *condição* e *situação*ⁱⁱ de exterioridades, ratifico que meu entendimento sobre arte, cultura e produção de conhecimentos baseia-se antes de tudo na diferença colonialⁱⁱⁱ. (DUSSEL, 1977; MIGNOLO, 2003). Solicito, portanto, que seu pensamento agora (leitor/leitora/leitore) também esteja circunstanciado a este lugar epistemológico para mensurar minhas argumentações em prol de todo corpo e seus fazeres de arte, cultura e conhecimentos diferentes que ocupam a exclusão às interioridades (como espaço de exterioridade) aos projetos hegemônicos de *razão* e *humanismo* e de *controle* (QUIJANO, 2019): moderno (europeu séc. XVI); e pós-moderno (estadunidense séc. XX) vigentes nas culturas ocidentais.^{iv}

Entretanto, considerando sumariamente a desnecessária homogeneização dos pensamentos diferentes, considero que não seja difícil, assim, entender exterioridade “apenas” como lugar de fora a qualquer centralidade fundamental às “formas de vida” ocidentais: social, política, cultural, econômica, geográfica, logo, biográfico e subjetivo, ética, democrática e esteticamente.^v Neste último caso, mais uma vez você que venha a me ler, ressalto a sua necessidade de compreensão desta proposição baseada exclusivamente ao direito de *ser, sentir e saber* para *fazerem-sendo a partir*



das formas de vidas *outras* (*Aesthesis*, ainda que sem ser primeiro *estéticas descoloniais* (GÓMEZ, 2014)) por meio de artes possíveis da maioria dos corpos diferentes, à heteronormatividade, por exemplo, que têm suas vidas e corpos, por meio de formas de arte de suas culturas e que produzem conhecimentos, também desprezados por Sistemas oficiais naturalizados exclusivamente contra diferentes.

O Eu como forma de vida em contraposição em ser *outro*, neste sentido, é condição fundamental para percebermos que dependendo da perspectiva que se faça para compreender arte, cultura e conhecimentos produzidos em contextos diferentes da ótica ocidental estabelecida (nas exterioridades), podemos acabar por não reconhecer artes, culturas e conhecimentos *outros* como “formas de vida”. Do mesmo jeito, neste sentido, é fundamental a consciência de que o europeu somente vê o outro – ou apenas lê o outro – ao ler nesse a Si Mesmo. É certo, portanto, que o outro como invenção europeia não teve e não tem, igualmente não terá a oportunidade de ser o Outro. Logo, fica evidente também concluir porque aquele não permitiu isso a Esse: à medida que o europeu reconhecesse o que ele reconhece por outro como Outro, ele deixaria de perceber apenas a Si mesmo e perceberia o Outro: enfim, instituiria, Ele mesmo, concorrência por meio de formas de vidas *outras* de fazer arte, cultura e conhecimentos para Si enquanto Sendo-Outros.

2.4.3.2 Mas entre as coisas reais que conservam exterioridade do ser, encontra-se uma coisa que tem eventos, que tem história, biografia, liberdade: outro homem (4.1.5.5). O homem, para além do ser, da compreensão do mundo, do sentido constituído por uma interpretação que supõe meu sistema, transcende as determinações e condicionamentos da totalidade, pode revelar-se como o extremamente oposto; pode increpar-nos em totalidade. Mesmo na extrema humilhação da prisão, no firo da cela e na total dor da tortura, mesmo quando seu corpo não era senão uma chaga viva, podia exclamar: “– Sou outro; sou homem; tenho direitos!”. (DUSSEL, 1977, 47).

Se eu não reconheço a violência no meu próprio corpo, como vou reconhecer, lutar contra ela, esquecer e até mesmo perdoar uma coisa que eu não reconheço? Assim, se eu como outro não reconheço a minha capacidade de ser Outro diante de um sendo Outro, reconhecendo a violência aplicada sobre meu corpo, que retira a minha opção de escolher ter formas de vidas *outras*, como vou reconhecer que a minha produção artística, minha cultura e os conhecimentos que poderiam ser produzidos (e são na



verdade) por mim foram vilipendiados de mim como Outro. É também uma questão ética consigo e com o Outro. A racionalidade em definir o Outro como outro, do mesmo jeito ao continuar insistindo na criação do mito de ser o outro esvaziado de humanidade, faz do europeu o difusor de uma lógica de que o Ser-europeu é a único capaz de produzir arte, cultura e conhecimento como “formas de vida” e, por isso, é superior em todos os sentidos humanos. Do mesmo jeito, desumanizar o outro (diferentes) é inferiorizá-lo (conquistá-lo) em relação à Si Mesmo (europeus/estadunidenses).^{vi}

A fim de evidenciar os princípios de discussão, vale sugerir a compreensão:

- Porque se para a **fenomenologia** o **Ser é ontológico**; para a **descolonialidade ele é transontológico**;
- Se para o **Marxismo** a lógica do sistema mundo é o **trabalho**; para a **descolonialidade é a Natureza**;
- Se para o **pós-moderno é a psiquê freudiana** que impera como pensamento; para a **descolonialidade é a consciência da subalternidade** o que importa.

Assim, para de fato termos formas de vidas outras é preciso, de algum modo, parafraseando pensadores e pensadoras descoloniais outros: *Aprender a desaprender para reaprender* e poder **fazer-sendo**.

Com(o)unal viver junto – formas de vidas diferentes = paradoxo?

“o começo do filosofar não consiste no encontro entre sujeito e objeto, mas na ética, entendida como relação fundamental entre um eu e um outro. [...]. Depois de ter sido exposto aos trabalhos fundamentais dos assim chamados “mestre da suspeita” no Ocidente, a saber, Marx, Nietzsche e Freud, meu horizonte de possibilidades não continha a ideia de uma ruptura como essa. [...] variações críticas ou inovações dentro da episteme europeia moderna e que já se encontravam para além do **trabalho**, da **vontade de poder** ou do **inconsciente**.” (MALDONADO-TORRES, 2022, 9, negritos meus).

Passados mais de 500 anos dos processos iniciais de colonização da América Latina, nós brasileiros, especialmente, mas não somente, parecemos viver confortavelmente



sobre as brumas de uma salvação. Sob o *mito da modernidade*, a colonização fez-nos sujeitos incapacitados de ser, sentir, saber e, mais ainda, impossibilitados de pensar-sendo a partir de nossas formas de vidas. Evidentemente estou dizendo que não fomos permitidos ser Outros em relação ao projeto de colonização europeu das Américas. Vivemos vidas sob fôrmas estabelecidas por eles. Do mesmo jeito temos impedidos o direito de liberdade por meio das colonialidades que assolam o Sistema mundo ocidental atual: em que trabalhar para ter é a única opção de tentar Ser.

Começemos por lembrar que a modernidade/colonialidade/descolonialidade são três palavras distintas e um só conceito verdadeiro. Contrariamente ao sistema de crenças sobre o qual se assenta a epistemologia da civilização ocidental (desde Platão a Wittgenstein, que a pôs em dúvida na mesma história do ocidente) no qual cada palavra denota uma coisa e que tem dado tanto o que falar desde a filosofia analítica até a arqueologia do saber, o que temos aqui é algo distinto: não uma palavra que denota uma coisa senão uma tríade que nomeia um conjunto complexo de relações de poder. (MIGNOLO, 2017, 13).

Assim, é o binômio modernidade/colonialidade que vai circunstanciar, desde o descobrimento com fins colonizadores a extinção das diferentes possibilidades de ser, sentir, saber para conviver nas diferenças. Logo, extingue-se com a invenção do descobrimento, ao trazer a suposta modernidade aos lugares e povos bárbaros sem conhecimentos, que evidência as colonialidades que perduram na atualidade, as formas de vida que deveriam subsistirem ainda hoje se não tivéssemos caído no mito da salvação. Mas, mais ainda se não incorporássemos aquela lógica como condição da nossa existência até hoje na contemporaneidade. Ou seja: além de relações de poder que hoje são evidentes por meio de políticas, leis, economias, vivemos sob um Sistema de Arte, que ancorado nessas mesmas relações de poder, acaba por instituir para as produções artístico-culturais uma suposta *epistemologia da civilização ocidental* do fazer Arte. Sendo esta baseada nos mesmos pressupostos de arte desde a Grécia até as Vanguardas europeias inventados como Arte.^{vii}

Em contrapartida a esta lógica instituída da modernidade como salvação, mas submissão às colonialidade, é que a descolonialidade completa o binômio para compor a tríade que, igualmente, sustenta minha argumentação em busca – não de *um tempo perdido* –, mas mais de re-existência das formas de vidas outras exiladas



à exterioridade como lugar primeiro de exclusão à interioridade moderna europeia e como tentativa de banimento pelas colonialidades pós-modernas estadunidenses. Esta primeira condição imposta às formas de vidas outras, da exterioridade como fronteira à margem das localidades centrais, não é o meu foco central.^{viii} Assim, uma outra argumentação de Mignolo vai me ser fundamental para decifrar como o comunal é viver junto *a partir* das suas formas de vidas diferentes, e, claro, isso acaba por não ser paradoxo nenhum. É, na lógica de uma razão outra aqui em discussão, formas de vidas outras que se assemelham exatamente nas suas diferenças.

A Conferência de Bandung, no terreno político, declarava não ser capitalista nem comunista, mas descolonizadora; o pensamento descolonial está hoje comprometido com a igualdade global e a justiça econômica, mesmo afirmando que a ideia de democracia e de socialismo, originadas na Europa, não são os únicos dois modelos com os quais orientar nosso pensamento e nosso fazer. Os argumentos descoloniais promovem o comunal como outra opção junto ao capitalismo e ao comunismo. No espírito de Bandung, o intelectual aymará Simón Yampara esclarece que os aymarás não são nem capitalistas nem comunistas. Promovem o pensamento descolonial e o fazer comunal. (MIGNOLO, 2017, 15).

A lógica em construção desde os primórdios da nossa ideia de sociedade ocidental moderna, portanto civilizada, vem sendo construída, ainda, em forma de Ser que tem a ontologia fenomenológica como único princípio. Evidentemente, o Ser e tempo situados na Europa do século XVI que faz perdurar até hoje a superioridade de classe, raça, gênero e também de fé, língua e ciência como princípio para desconsiderar as várias outras *transontologias* como afirma Enrique Dussel (1982). Igualmente, na esteira do filósofo latino, se a ontologia é o princípio fenomênico do sujeito – nascer, crescer e viver enquanto um sujeito situado em um tempo e lugar (que nas Américas não foram percebidos como os restritos aos europeus) – para a descolonialidade a *transontologia* faz evidenciar a possibilidade também de *transmodernidades* (DUSSEL, 2016) que não se restringiram à Europa como berço para salvação da humanidade e menos ainda nesta como exclusividade de formas de vida.

A ontologia é fenomenologia; é o lógos ou pensamento acerca daquilo que aparece (o fenômeno, o ente) desde o fundamento (o ser). Além da fenomenologia abre-se o caminho da epifania: a revelação (ou apocalíptica) do outro por seu rosto, que não é um mero fenômeno ou manifestação, presença, mas epifenômeno, vicário, pegada ou rastro do ausente, do mistério, de um além do presente. A ontologia



(fenomenologia) dá lugar à metafísica (epifania apocalíptica do outro).
(DUSSEL, 1982, 64.

Por conseguinte, o Marxismo chega, sem dúvida, até onde ele dá conta e muito bem, tratar da relação de obrigatória subordinação dos corpos ao trabalho estabelecida pelo sistema capitalista vigente estadunidense, mas existente desde sempre na história forjada para nossa “humanidade”^{ix}. Por que avançar, e dizer que a saída estratégica às diferenças é re-humanizarmo-nos, o marxista ainda hoje não propõe. Identificado o problema, a lógica marxista faz perdurar o problema sem ressaltar que o materialismo não se vincula a nenhuma outra possibilidade desmaterializada, vamos dizer assim.^x Nem ontológico, menos ainda capitalista, mas nas diferentes formas de vidas como princípio para pensar tudo: trabalho, corpo, “raça”, classes, fés, línguas, conhecimentos, gêneros e tantas outras coisas que acercam as transontologias e as encobertas transmodernidades. Do mesmo jeito, paradoxalmente, as semelhanças nas diferenças fazem a base desse pensamento para conviver (com(o)unal viver junto – formas de vidas diferentes) em sociedades mais justas, igualitárias e mais humanas, por conseguintes éticas e definitivamente democráticas e estéticas como desconhecemos, nos casos dessas últimas.

Isto exposto chega soar bem curioso. Porque se a lógica desses pensamentos foi excluir o corpo a fim de evidenciar a razão como condição do pensar (ontológica e moderna, mas capitalista que tem o corpo restrito ao trabalho). Entender que a imaterialidade das formas de vidas fazerem-sendo, que não tem o princípio no trabalho como única alternativa de ter para ser, evidentemente como a que estou pensando e vivendo, (que não é uma imaterialidade religiosa), deveria ser considerada como dimensão de pensares e fazeres outros. A fé foi, é e segue sendo um dos maiores controles do sistema de *colonialidade do Ser* (MALDONADO-TORRES, 2022). Mas é claro que, considerando exatamente a desmaterialização do pensar – ou seja, retirar os corpos matéria do pensamento, mais ainda corpos diferentes como os colonizados (indígenas e africanos, especialmente) – isto relaciona-se ao processo de desumanização de corpos, que na lógica deles (pensamentos epistêmicos europeus) não tinham imaterialidades porque eles mesmos (europeus) já os tinham desconsiderados como corpos com formas de vidas



e modos de pensares outros: não deram direito de existência de serem Outro pensamento possível que não o da razão moderna europeia.

Estou pensando aqui também. Exatamente por aí, um corpo sem imaterialidade, sem pensamento, sem pensar para fazer, é um corpo tornado inumano, desumanizado, vazio, oco, sem história, sem memória, sem experiência (uma linha cronológica teórico-crítica ocidental para a História, Crítica e Teoria das Artes se desenha nesses conceitos) é um corpo também sem materialidade possível como formas de vida. Aquela reflexão anterior leva-nos exatamente a este lugar como único resultado possível. O corpo apenas materialidade (ontológica de ser em um tempo e em um lugar e material-capitalista), sem imaterialidade para pensar e fazer-sendo (BESSA-OLIVEIRA, 2021; 2021a), torna-se apenas objeto abstrato físico que deve estar preparado para e exclusivamente ao trabalho subjugado. Estes corpos, por conseguinte, todos os seus fazeres culturais como formas de vidas nas suas pluri-versidades interculturais, têm negadas suas condições/opções de Ser.

E, se a colonialidade do poder se refere à interrelação entre as formas modernas de exploração e dominação, e se a colonialidade do saber tem a ver com a função da epistemologia e das tarefas gerais da produção do conhecimento na reprodução de regimes de pensamentos coloniais, a colonialidade do ser se refere, então, à experiência vivida da colonização e seu impacto sobre a linguagem. (MALDONADO-TORRES, 2022, 11-12).

Evidentemente, então, não interferindo exclusivamente nem somente na linguagem falada, nem também apenas na linguagem escrita, essas são situações restritivas da linguagem de poder atribuída apenas a corpos europeizados/estadunidenses. Mas à toda e qualquer outra capacidade de linguagem de corpos não-europeus/estadunidenses, mas a àqueles também, que não foram corpos humanos considerados pelo sistema modernidade/colonialidade e que tiveram impedidas e impelidas de existência, de serem Outros, as suas formas de vidas pela opção ao mito da Modernidade como salvação de vidas. Mas se esses eram e continuam sem vidas, qual é a lógica da salvação: a colonização/colonialidades.

a práxis de dominação é ação perversa. É a afirmação prática da totalidade e de seu projeto; é a realização ôntica do ser. Sua realização alienante. O senhor exerce seu poder atual sobre o servo por meio do agir opressor. É a mediação do sistema como formação



social e por meio da qual sua estrutura resiste e persiste. A dominação é o ato pelo qual se coage o outro a participar do sistema que o aliena. É obrigado a realizar atos contra a sua natureza, contra a sua essência histórica. É o ato de pressão, de força. O servo obedece por temor, por costume. A dominação se transforma em repressão quando o oprimido tende libertar-se da pressão que sofre. Diante do gesto ou pretensão de fugir da situação de dominado, o dominador redobra sua pressão dominadora: reprime. A pressão pode ser individual e psicológica, mas sempre é pressão social. Assim, as normas culturais são introjetadas pela educação e pelo castigo na própria estrutura psíquica da criança, do homem. O homem normal é hoje um reprimido. (DUSSEL, 1977, 60).

A forma de vida mais comumente exposta, até por meio da arte, na atualidade, está condicionada a um padrão do que seja Arte. Esse, por sua vez, explora os legados históricos sistematizados que desvinculam a arte do corpo da sociedade que, igualmente marginalizada com seus fazeres, acabam por terem suas formas de vidas excluídas pela própria Arte estabelecida que fica morta de corpo e, por conseguinte, de arte^{xi}. Abstrata, abstraída de corpos e de artes Outros, a Arte, muitas vezes sob a rubrica de Arte Contemporânea está desvinculada de público não-especializado, tem atribuída valores econômicos (público e privados institucionais) e conceituais disciplinares para terem despertados desejos ao menos ao público especializado que precisa se ver com intelecto apurado.^{xii} Assim, é evidente que acabamos por ter uma Arte que não está, nem de perto, condizendo com as necessidades da sociedade, na sua maioria, que a contorna com outras formas de vidas^{xiii}.

Dá base para este pensamento de formas de vidas, no plural, apenas uma epistemologia *outra*. Pois, é evidente que se ver tendo e sendo Outro incorpora sentidos que a forma de vida imposta não nos permite ver. Logo, é por isso que a questão acaba por ser ética. Pois, sob a ótica da ética construída pelo sistema-mundo europeu para o Ocidente, re-forçada hoje até para o Oriente na perspectiva capitalista-globalizante estadunidense, ter para ser, a qualquer custo (competindo, impondo-se, até mesmo exterminando a concorrência para Si manter como princípio de “ética”), não é eticamente permitir até Ser confrontado com a existência de um Outro: a ética descolonial está para con-viver na diferença como sendo aspecto para uma ética das semelhanças. Neste tocante, evidentemente é fundamental, se não crucial subverter a lógica dinâmica epistêmica vigente de formas de vida euro-estadunidenses para, aí sim, pensarmos em formas de vidas diferentes. Ou como assevera Walter Mignolo,



uma *desobediência epistêmica* aos sistemas epistêmicos vigentes de arte, cultura e de produção de conhecimentos que, evidentemente, contrário ao padrão desses, fará ser evidenciado – virem à tona – formas de vidas de Ser interculturais porque são pluri-versais.

A interculturalidade deve ser entendida no contexto do pensamento e dos projetos descoloniais. Ao contrário do multiculturalismo, que foi uma invenção do Estado-nacional nos EUA para conceder “cultura” enquanto mantém “epistemologia”, inter-culturalidade nos Andes é um conceito introduzido por intelectuais indígenas para reivindicar direitos epistêmicos. A inter-cultura, na verdade, significa inter-epistemologia, um diálogo intenso que é o diálogo do futuro entre cosmologia não ocidental (aymara, afros, árabe-islâmicos, hindi, bambara, etc.) e ocidental (grego, latim, italiano, espanhol, alemão, inglês, português). Aqui você acha exatamente a razão por que a cosmologia ocidental é “uni-versal” (em suas diferenças) e imperial enquanto o pensamento e as epistemologias descoloniais tiveram que ser pluri-versais: aquilo que as línguas e as cosmologias não ocidentais tinham em comum é terem sido forçadas a lidar com a cosmologia ocidental (mais uma vez, grego, latim e línguas europeias imperiais modernas e sua epistemologia). (MIGNOLO, 2008, 316).

Por fim, há uma forma de vida de como se deve viver, considerando toda a nossa construção histórico-social colonial. Enquanto as várias outras formas de vidas, por meio, especialmente, dos seus fazeres artístico-culturais são vilipendiados à exterioridade, à fronteira como espaço epistêmico, quando esses se reconhecem colonizados. Mas, quando não, são exterioridade e fronteira como espaço de exclusão, inexistência por isso são formas de vidas que não têm importâncias algumas para os sistemas: inclusive o Sistema da Arte. São formas de vida que se submetem ao trabalho para ter e assim tentarem ser iguais ao que é o Si mesmo.^{xiv}

Estética para ser Outro – Formas de Vidas – reflexões fin(inici)ais agora

Os sujeitos ainda falam de uma *pseudo arte* e de uma *pseudo educação* e mesmo assim se consideram, cada um no seu trono, sujeitos estéticos e éticos. Os sujeitos matam corpos trans, negros, não-binários, indígenas, femininos, de fés religiosas de matrizes não cristãs, de partidos políticos diferentes dos seus e continuam se achando estéticos e eticamente perfeitos. Professores são punitivos, alunes são preguiçosos e ambos, nas suas dependências institucionais – o primeiro no palco da lousa, enquanto os segundos na autointitulação de *humilhados e ofendidos* – se sentem ética e



esteticamente amparados no conforto de suas situações. O Artista se vende para um sistema; um Sistema compra uma produção de Um artista e vende para Um Público específico; o Público “compra” Este artista e Esta obra e todos, ancorados nas suas lógicas de estética e de ética, se sentem confortáveis e promotores culturais éticos de Estética. Esses, entre muitos outros e outras que se veem apenas a Si mesmos como submissos, são estéticos e eticamente colonizados(as)/coloniais/colonizadores no sentido mais restrito ao exemplo de oprimido que se vê e sente opressor e mais quer oprimir e exterminar seu oprimido que é no fundo seu igual porque é visto como outro, e não Outro, definido a quase um século por Paulo Freire. (2011).

A ética e a estética são, dadas as suas situações, a partir do pensamento descolonizado, para pensar a arte, a cultura e o conhecimento produzidos *a partir de* ética e estética outras/outros, uma Situação da Arte em que o filosofar crítico *biogeográfico* fronteiro como pensar-sendo descolonial que situa o corpo da ética e da estética não no possibilitar outros/outros terem Arte, Cultura, Conhecimentos Ético e Estéticos acessados. Mas, ética e estética nesta condição/situação de pensamento são, nos seus lugares, mas indissociáveis de Ser formas de vidas nas suas efetivas diversidades de fazerem-sendo em seus tempos.

Mas me cabe também, na tentativa de Ser este Outro ético e estético, ter a capacidade de Me permitir também conviver com esses contraditórios opressores oprimidos que se veem confortáveis nas suas ilusórias opções (em sendo imposições) ética e estética. Para uma ética e uma estética descoloniais, a metáfora poética seria talvez a lógica mais efetiva para dar ao opressor/oprimido que oprime a noção do que seja ética e estética descoloniais. Metáfora, neste sentido, também, não como ilustração cômica ou trágica, mas como translação do que é da ordem de um entendimento colonial/moderno e colonialidade/modernidade para descolonial/subjetividade ou descolonialidade como Natureza de Ser. Não nos deve caber as lógicas de “Arte indígena ou Arte de índio”; “Arte africana ou Arte de preta ou negra”; “Arte feminina”; “Arte gay”. Arte isso ou Arte aquilo se a lógica for contraposição à ótica estética e ética de Uma Arte Ocidental, pior, branca. Pois, essas, no máximo, serão mesmo pseudo arte e, obviamente, quando tratadas na educação o serão reduzidas, para aqueles e aquelas que rotulam esta, de pseudo educação.



Um corpo sempre tem suas razões. De ser, sentir e saber para fazer-sendo devem ser pontos cruciais para compreendê-los a partir de suas formas de vidas: por isso tanto os que são subjugados às crenças dos condenados oprimidos que se veem opressores, igualmente quanto os próprios ignóbeis opressores oprimidos devem ter possibilitados suas lógicas de ética e estética. Mais uma vez, cabe a Mim, como corpo descolonizado, Ser um corpo que con-vive inclusive com esta diferença que presa absurdamente por uma única e restritiva lógica de ética e, por conseguinte, impõe uma estética à qual ele/ela sequer participa. Pois, nem ética e estética europeia e/ou estadunidense são permissivas às diferenças como Outras/Outros (gêneros, classes, raças, fés, línguas e conhecimentos) e nem que se assemelhem à essas sendo além de objetos abstratos.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, M. A. Arte, cultura, educação, COVID-19 & o pensamento descolonial crítico biogeográfico fronteiriço: por uma pedagogia/filosofia da libertação de corpos, almas e fazeres culturais. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 1964–1995, 2021. DOI: 10.20396/rfe.v13i1.8662003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8662003>. Acesso em: 12 mar. 2022.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. PENSAMENTO DESCOLONIZADO COMO RE-EXISTÊNCIA DE PASSADO NA ARTE: PENSAR-NÃO-SENDO EUROPEU.. In: **(Re)existências: anais do 30º encontro nacional da ANPAP**. Anais...João Pessoa(PB) ANPAP, 2021a. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/371014-PENSAMENTO-DESCOLONIZADO-COMO-RE-EXISTENCIA-DE-PASSADO-NA-ARTE--PENSAR-NAO-SENDO-EUROPEU>. Acesso em: 11/03/2022 12:59.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. PEDAGOGIAS da *diversalidade*. In: **Cadernos de estudos culturais** – Pedagogias Descoloniais, Campo Grande, MS, v. 1, jan./jun. 2019, p. 61-85. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9691>. Acesso em: 12 mar. 2022.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. “Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro.” In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.169-186. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/CastroGomez.rtf>. Acesso em: 27 mai. 2023.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016, p. 51-73.



DUSSEL, Enrique D.. **Filosofia na América Latina**. Filosofia da libertação. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Loyola; Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 1982.

_____. **Filosofia na América Latina**: Filosofia da Libertação. Tradução de Luiz João Gaio, Edições Loyola: São Paulo; Editora Unimep: Piracicaba, SP, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GÓMEZ, Pedro Pablo. “Introducción: trayectorias de la opción estética descolonial”. In: GÓMEZ, Pedro Pablo; Et.Al.. **Arte y estética em la encrucijda descolonial II**. Compilado por Pedro Pablo Gómez. 1. Ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 11-30.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre a colonialidade do ser**: contribuições para o desenvolvimento de um conceito. 1. Ed.. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MIGNOLO, Walter D.. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. In: **Revista Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, PR. V.1, n.1, 2017, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 27 fev. 2020.

MIGNOLO, Walter. D.. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade *em* política. In: **Cadernos de Letras**: Universidade Federal Fluminense - Instituto de Letras. Dossiê: Literatura, língua e identidade. N. 34, Niterói, RJ. 2008, p. 287-324. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MIGNOLO, Walter D.. **Histórias locais / Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Humanitas).

QUIJANO, Aníbal. **Aníbal Quijano**: ensayos en torno a la colonialidade del poder. Compilado por Walter Mignolo. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019. (El desprendimiento/ Mignolo, Walter).

Notas

ⁱ Este texto está vinculado a um Projeto de Pesquisa intitulado “PRÁTICAS CULTURAIS LATINO-FRONTIARIAS: ARTES DE “PAISAGENS”, SILÊNCIOS E APAGAMENTOS EM CENA NA CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE”, cadastrado na Divisão de Pesquisa/PROPP/UEMS, sob o protocolo 277652.1602.1343.05012022, e é vinculado ao Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq.

ⁱⁱ *Condição* e *situação* são duas terminologias sobre as “formas de vida” caras ao meu pensamento descolonial. Neste caso, vale dizer ainda que brevemente que o primeiro é ressaltado pela colonização a que fomos impostos desde o século XVI. Sendo *situação*, por conseguinte, à realidade na qual nos encontramos, por exemplo, como justificativa da colonialidade econômica que nos fora imposta desde o século XIX. Para um pensamento que se ancora na descolonialidade, a pós-modernidade em evidência no século XX tem precedentes já “com a corrida para o Oeste e a instauração das ferrovias” no século XIX nos Estados Unidos, o que muda o foco da “modernidade” da Europa para os então “Estados” Pós-modernos nas Américas em virtude da emergência



geoeconômica agora como geopolítica global. Por isso, em algumas situações será possível “ler” a pós-modernidade aqui em discussão como contradição à modernidade europeia em virtude daquela perspectiva estadunidense se erigir alheia a cronologia estabelecida pela modernidade colonial europeia. Entretanto, uma coisa não anula a outra e, menos ainda, quer dizer a nossa condição esteja desvinculada da nossa situação – um não existe sem o outro. Mas, é bom que se diga também que existem condições e situações, neste sentido, que se dão porque ao invés de lutarmos contra ambos, vidas, corpos, artes, culturas e conhecimentos em situações correlatas priorizam participar às interioridades hegemônicas por meio, por exemplo, de continuidades de suas histórias, vidas, corpos, artes, culturas e conhecimentos ainda que em suas situações de exterioridades.

ⁱⁱⁱ *Diferença colonial* é a base do pensamento descolonial/descolonizado. Primeiro porque esta suplanta a discussão acerca das diferenças culturais como pré-requisito das classificações e homogeneizações modernas e pós-modernas de raça, classe e gênero ao considerar, também neste hall as classificações por meio da fé, línguas e ciência como único produtor de conhecimento. Mas, aprofundando a diferença colonial em evidência, o pensamento descolonial/descolonizado reforça que os atos de colonização (séc. XVI) e de colonialidades por meio de poder múltiplos do ser (racialização, econômico, conhecimentos, entre muitos outros) emergentes a partir do século XIX são basilares para fazer vir à tona, por exemplo, formas de vidas *outros* por meio de suas artes, culturas e conhecimentos emergentes em exterioridades: em fronteiras como locais epistemológicos, não mais como situação geográfica.

^{iv} As culturas, igualmente seus fazeres artístico-culturais e seus conhecimentos, emergentes a partir da fronteira como lugar de exterioridade, e seus modos de vida são excluídos de todo o seu próprio contexto de vida que acabam por sofrer da falta de histórias das suas formas de vida. Quer dizer: esses corpos das diferenças têm impedidos os seus arquivos, memórias, histórias, experiências que seriam evidenciados por meio de suas práticas culturais e conhecimentos, em prol da imposição de um arquivo do mal – histórico hegemônico – que é sustentando por meio dos poderes públicos e privados existentes desde sempre nas culturas ocidentais.

^v A discussão acerca do conceito de exterioridade para o pensamento descolonial não passa simplesmente pela lógica de exclusão à interioridade – binário, logo oposto – moderna europeia e/ou estadunidense pós-moderna. Esta seria uma interpretação que elevaria o lugar da exterioridade como lugar de exclusão e, por conseguinte, de improdução de qualquer coisa, evidentemente mais ainda como lugar impossível de habitação de formas de vida. Do mesmo modo, fronteira não é lugar de apartamento a um suposto centro em que este seria, claramente, situado nos melhores contextos geográficos – político e econômico, por exemplo – de grandes e/ou pequenas cidades. Então, exterioridades e fronteiras, a partir das múltiplas situações/condições, essas colocadas pelos mesmos projetos de externar e delimitar lugar de inexistência aos diferentes, nesta perspectiva de pensar-sendo são os lugares mais propícios para emergência dessas questões de que existem formas de vidas outras que os projetos hegemônico e homogeneizador desconsideraram e desconsideram para suas autossustentações ainda na contemporaneidade. Portanto, exterioridades e fronteiras são lugares epistemológicos que também demandam compreensões outras de formas de vidas para serem compreendidas como vidas que têm formas próprias que não as estabelecidas pelos projetos controladores.

^{vi} Está em jogo nesta lógica, uma **ética da descolonialidade**: uma ética que somente existe como ética se levarmos em consideração a ética existente para/a partir/nos/dos Outros. Quer dizer: para que consideremos artes, culturas e conhecimentos como formas de vidas, sempre considerando as *diversidades* (BESSA-OLIVEIRA, 2019) e suas *plu-riversidades interculturais* (MIGNOLO, 2008), é preciso reconhecer que para ser Outro é fundamental reconhecer-se como outro, exterminado e assimilado (igualmente inferiorizado/esvaziado) pelos projetos moderno (século XVI) e pós-moderno (século XX): este último dando continuidade àquele porque as colonialidades não existem sem a colonização e a primeira já instituía no passado as lógicas que ancorariam as colonialidades no presente para o futuro (ver Quijano, 2019), por exemplo, fazendo uma analogia no caso da Arte, para definir “Arte Contemporânea”. Somente assim, se vendo outro subjugado, para *re-existir aprendendo a desaprender para reaprender a fazer* de outros modos artes, culturas e conhecimentos a partir de uma *desobediência epistêmica* (MIGNOLO, 2008) aos sistemas.

^{vii} Pareceu uma coincidência entre a afirmativa de Walter Mignolo de que a epistemologia da civilização ocidental perdura de Platão a Wittgenstein ainda na atualidade quando afirmo que o Sistema da Arte oficial reforça um mesmo pressuposto de arte desde a Grécia às Vanguardas europeias? Mas não. Não é mera coincidência. É um Sistema mundo ocidental que fora forjado sobre os mesmos princípios colonizadores: modernidade/colonialidade em que as diferenças foram exterminadas para sustentação de uma lógica exclusivista.

^{viii} Por isso acabo por preferir abordá-la, a exterioridade, como situação de conviver *a partir* da fronteira como lugar epistêmico para produzir arte, cultura e conhecimentos que emergem em contraposição às lógicas da modernidade/colonialidades mesmo estando sob imposição de controle e extinção dessas.

^{ix} A esta humanidade, evidentemente, agora estou me referindo à lógica europeia que considera humano apenas a si próprio. Logo, desumaniza todo e qualquer corpo não-europeu, mais ainda indígenas e africanos que têm, na lógica desumana daqueles, a crença religiosa em outras matrizes. Quer dizer, a fé é, em nossos tempos modernos e pós-modernos e na atualidade um fator preponderante também da colonialidade.

^x Portanto, a diferença colonial é o princípio do projeto da descolonialidade como universal.

^{xi} Está “Arte que fica morta de corpo e, por conseguinte, de arte” é outra discussão que estou desenhando no momento. A partir de uma “SituAção da Arte: filosofar crítico *biogeográfico* fronteiriço” tenho elaborado uma série de pensamentos-escritos e artístico-plásticos ancorados no pensar-fazendo descolonizado. As obras devem começar a serem publicadas em formato de livros de bolso a partir deste ano 2023.



^{xii} Este último ponto está bastante discutido no mesmo trabalho sobre a “Arte Contemporânea” como construção colonial por meio da Modernidade/Colonialidade que fiz para apresentação no mesmo contexto desta. Ou seja, neste evento.

^{xiii} Seja pela ótica de falta de vínculo da “Arte Contemporânea” com a História da Arte do Ocidente – esta e aquela forjadas pelos mesmos princípios hegemônicos; seja pela lógica de legitimação desta mesma “Arte Contemporânea” por meio de repertórios acadêmico-disciplinares literários e/ou filosóficos e de outras áreas do conhecimento – que esvaziam a Arte de arte a fim de dar-lhes reconhecimentos conceituais; seja pela valorização de bem poucos (Obras e Artistas) que, cooptados pelo Sistema, valorizam a Forma de Vida com base no padrão euro-estadunidense comercial: ter para ser e sobreviver pensando ser.

^{xiv} *Status quo* impossível na ótica do colonizador que esvaziou o corpo desse Outro como outro a fim de restringi-lo ao lugar da subalternidade até na sua forma de ser vivo como ninguém.